

Dossiê: Cruzamentos Ítalo-Luso-Afro-Brasileiros: por uma urgente restituição ética do Humanismo (línguas e literaturas hoje)

Cão, patativa e bode de vingança: Pirandelo e Gastão Cruls

Dog, patativa and revenge goat: Pirandelo and Gastão Cruls

Perro, patativa y chibo de venganza: Pirandelo y Gastão Cruls



Francisco Topa

Universidade do Porto (U.Porto), Porto, Portugal

franctopa@gmail.com

Resumo: O artigo analisa dois contos separados por um quarto de século: *La vendetta del cane*, de Luigi Pirandello (publicado pela primeira vez em 1913) e *A patativa*, do brasileiro Gastão Cruls, incluído no volume *História puxa história*, de 1938. Está em causa nesta análise a representação do animal, a perceção da crueldade com que ele é tratado, mas sobretudo o modo como cada um dos contos entende o significado do humano.

Palavras-chave: Luigi Pirandello; Gastão Cruls; maus-tratos; animal.

Abstract: The article analyses two short stories separated by a quarter of a century: *La vendetta del cane*, by Luigi Pirandello (first published in 1913) and *A patativa*, by the Brazilian Gastão Cruls, included in the volume *História puxa história*, released in 1938. What is at stake in this analysis is the representation of the animal, the perception of the cruelty with which it is treated, but above all the way each story understands the meaning of the human.

Keywords: Luigi Pirandello; Gastão Cruls; mistreatment; animal.

Resumen: El artículo analiza dos cuentos separados por un cuarto de siglo: *La vendetta del cane*, de Luigi Pirandello (publicado por primera vez en 1913) y *A patativa*, del brasileño Gastão Cruls, incluido en el volumen *História puxa história*, de 1938. Lo que está en juego en este análisis es la representación del animal, la percepción de la crueldad con la que es tratado, pero sobre todo la forma como cada uno de los cuentos entiende el significado de lo humano.

Palabras clave: Luigi Pirandello; Gastão Cruls; malos tratos; animal.

Submetido em: 17 de setembro de 2023

Aceito em: 16 de janeiro de 2024

Publicado em: 12 de agosto de 2024

Porque é o mesmo o destino dos filhos dos homens e o destino dos animais; um mesmo fim os espera. Como a morte de um assim é a morte do outro. A ambos foi dado o mesmo sopro, e o homem não tem qualquer vantagem sobre o animal, pois tudo é ilusão (Ecl 4:19).

O tema dos maus-tratos a animais (ou animais não humanos) e a questão correlata dos seus direitos são relativamente recentes como matéria social e política e só nas últimas décadas começaram a fazer o seu caminho ao nível da legislação, e mesmo assim apenas nos países ocidentais. O percurso vem sendo feito em dois planos: por um lado, o dos animais de trabalho e o dos que são criados para consumo, relativamente aos quais se tem procurado sobretudo melhorar as condições de vida e de abate; e, por outro, o dos chamados animais de companhia, que é aquele que geralmente mais mobiliza os cidadãos e gera maiores dificuldades ao nível legal.

No plano internacional, alguns dos passos mais decisivos foram a aprovação pela UNESCO, em 1978, da Declaração Universal dos Direitos dos Animais; a Convenção Europeia sobre a Proteção dos Animais de Abate, assinada no ano seguinte; uma Convenção do mesmo tipo para os Animais de Companhia, em 1987; e a chamada Declaração de Cambridge sobre a consciência animal, data de 2012, em que uma série de neurocientistas considerou que muitos animais não humanos são seres sencientes, dotados de consciência, sensíveis à dor, capazes de sentir emoções e desejos e possuidores de memórias.

Todas estas movimentações foram sendo refletidas no direito de uma série de países, mas quase sempre acompanhadas de controvérsia tanto ao nível sociopolítico quanto ao nível jurídico. No caso de Portugal, por exemplo, a criminalização dos maus-tratos a animais de companhia foi declarada inconstitucional por sucessivos tribunais, o que gerou perplexidade na opinião pública, forçando assim uma alteração jurídica que veio a ser efetuada em 2020. O que estava em causa, como explica Ana Rita Teixeira Fontela (2022, p. 2), era que “para haver criminalização terá que estar em causa a tutela de um bem jurídico digno de pena e, além disso, a intervenção penal terá que se revelar necessária”.

Nada disto interessa diretamente para o que será discutido a seguir, embora seja importante como contextualização das questões levantadas pelos textos que veremos, os quais comprovam que a literatura nada recusa do que é humano ou próximo do humano, antecipando frequentemente questões e colocando-as a um nível superior. No caso do Brasil, um dos melhores e mais antigos exemplos de texto literário em que surge o tema dos maus-tratos a animais ocorre num conto de Machado de Assis (2007), muito apreciado pela crítica e pelo público, mas em geral ignorado quanto a esta questão: *A causa secreta*. O foco analítico incide quase sempre no sadismo de Fortunato e no comportamento um tanto passivo e cientificista de Garcia, mas os maus-tratos a animais também lá estão: ao sair, insatisfeito, do teatro em que o sofrimento era ficcional, Fortuna dá bengaladas num cão de rua; mais tarde, primeiro na clínica e depois em casa, dedica-se a rasgar e envenenar gatos e cães; e um dos momentos centrais do conto é a tortura lenta de um rato. Em todos estes episódios, percebe-se como o animal fornece – contra a sua vontade, obviamente – a dose diária de sadismo a que Fortunato está (ou é) adito e como essa dose vai subindo de intensidade.¹

Os dois textos que agora vamos considerar colocam o tema dos maus-tratos a animais de outro modo: estão em causa um cão e uma patativa que são sacrificados através de um processo longo e consciente, como forma de vingança. De algum modo, os animais funcionam aqui como bodes de sacrifício, acontecendo, porém, que o sacrifício – a existir – não é de expiação, mas de vingança, e não é coletivo, mas pessoal. Ambos os textos são contos e, embora não estejam muito separados no tempo nem na visão do mundo, estão afastados na língua, no espaço, no estilo, sendo improvável que o mais recente tenha sido de algum modo influenciado pelo mais antigo. São eles *La vendetta del cane*², de Luigi Pirandello (2020), e *A patativa*, de Gastão Cruls (1938). O autor italiano dispensa apresentações, uma vez que se trata de um

¹ Há outros textos de Machado em que intervêm animais, mas com uma diferente representação e significado. Cf. Magalhães, 2022.

² Tradução: *A vingança do cão*. As traduções de passagens do texto de Pirandello são da minha responsabilidade.

escritor universal, sendo, porém, de referir que o texto foi publicado pela primeira vez em 1913. Menos renomado é o brasileiro Gastão Luiz Cruls (Rio de Janeiro, 1888 – *ibid.*, 1959). Filho de um cientista belga estabelecido no Brasil, Gastão Cruls foi um ficcionista de relevo, tendo ficado conhecido sobretudo pelo romance *A Amazônia misteriosa*, de 1925. Médico de formação e especializado em medicina sanitária, apresenta na sua obra literária, segundo a crítica, marcas do cientificismo e do naturalismo característicos do século XIX, por vezes interligados com o fantástico e aproximando-se da ficção científica. O conto que nos interessa faz parte do volume *História puxa história*, de 1938. Apesar de ter tido uma única edição, as histórias que integram o livro vieram de novo a público em 1951, sob o título de *Contos reunidos*. Refletindo sobre as duas narrativas, veremos o papel que em cada uma ocupa o animal, a crueldade do seu tratamento e o modo como ela serve de espelho do ser humano.

En *La vendetta del cane*, Jaco Naca, um pobre habitante de Sant'Anna, pequena localidade da Sicília atingida pela malária, "s'era trovato un bel giorno padrone di tutta la poggiate a solatio sotto la città, da cui si godeva la veduta magnifica dell'aperta campagna svariata di poggi e di valli e di piani, col mare in fondo, lontano, dopo tanto verde, azzurro nella linea dell'orizzonte"³ (Pirandello, 2020, p. 799). O negócio fora vantajoso, não só por ter sido inesperado (Naca não sabia que o espaço lhe pertencia) como pelo facto de a avaliação ter sido feita "secondo la stima d'un perito"⁴ (Pirandello, 2020, p. 800), ainda que "Rocce erano, nient'altro; con, qua e là, qualche ciuffo d'erba, ma a cui neppure le pecore, passando, avrebbero dato una strappata."⁵ (Pirandello, 2020, p. 800) O problema surge quando o vendedor se apercebe das mais-valias realizadas pelo comprador, que também era, aparentemente, uma pessoa marcada pelo infortúnio ("Un

³ "viu-se um belo dia dono de toda a esplanada soalheira aos pés da cidade, de onde se podia gozar a magnífica vista do campo aberto, variado de montes e vales e planícies, com o mar ao fundo, ao longe, depois de tanto verde, azul na linha do horizonte".

⁴ "de acordo com a avaliação de um perito".

⁵ "Eram rochas, nada mais; com, aqui e ali, alguns tufos de erva, mas a que nem as ovelhas, ao passarem, dariam um arrancão."

signore forestiere, con una gamba di legno che gli cigolava a ogni passo”⁶ (Pirandello, 2020, p. 799)): num terreno antes desprezado, tinham sido entretanto construídas “due villini, uno più grazioso dell’altro, con terrazze di marmo e verande coperte di vetri colorati, come non s’erano mai viste da quelle parti”⁷ (Pirandello, 2020, p. 800). Daí para a frente, dominado pela crença de que tinha sido enganado – e pelo conseqüente sentimento do ciúme e da inveja –, Naca assume a luta do *laggiù* (de baixo) contra o *lassù* (de cima). O seu espaço, o de baixo, é-o no sentido topográfico (“il fondo del valloncello sotto quelle rocce, ove le piogge, scorrendo in grossi rigagnoli su lo scabro e ripido declivio della poggiate, avevano depositato un po’ di terra”⁸ (Pirandello, 2020, p. 800)), mas é-o sobretudo no sentido social e, de algum modo, ético e moral: o protagonista representa o trabalhador, em particular o pequeno agricultor miserável e atingido pela doença, que luta contra a burguesia, figurada pelos habitantes das vivendas; e é também a encarnação de uma série de valores negativos, como a inveja, a ira, o ódio, a vingança, ou, mais simplesmente, o mal. Mas, a partir destes ingredientes básicos, a história sofre uma transformação inesperada com a introdução de um cão, cuja função irá para lá da (desnecessária) guarda da propriedade de Jaco Naca: ao cão competirá concretizar a vingança que o seu dono não foi capaz de levar a cabo. Isto porque o “grosso cane”⁹, para além de estar “legato a una corta catena confitta per terra”¹⁰ (Pirandello, 2020, p. 800) – como ainda hoje não é totalmente incomum –, foi “lasciato lì, giorno e notte, morto di fame, di sete e di freddo”¹¹ (Pirandello, 2020, p. 800), o que o obrigava a obedecer ao pedido do dono: “– Grida per me!”¹² (Pirandello, 2020, p. 800).

6 “Um cavalheiro estrangeiro, com uma perna de pau que rangia a cada passo”.

7 “duas vivendzinhas, cada uma mais bonita que a outra, com terraços de mármore e varandas revestidas de vidros coloridos, como nunca se tinha visto por aqueles lados”.

8 “o fundo do valezinho sob aquelas rochas, onde as chuvas, escorrendo em grandes riachos pelo declive acidentado e íngreme da encosta, tinham depositado um pouco de terra”.

9 “cão grande”.

10 “amarrado a uma corrente curta presa ao chão”.

11 “ali deixado, dia e noite, morto de fome, de sede e de frio”.

12 “– Berra por mim!”

Como seria de esperar, os seus latidos e ganidos, mais intensos à noite, acabam por levar os moradores ao desespero, dada a impossibilidade de conciliar o sono sentida por muitos. Com ironia, o camponês recusa a sua responsabilidade no conflito: “egli non poteva insegnare al cane ad abbajare in un modo più grazioso per gli orecchi di quei signori”¹³ (Pirandello, 2020, p. 801). Perante o fracasso da intervenção do proprietário das vivendas e do abaixo-assinado dirigido ao município, surgem duas formas de intervenção, ambas individuais e de sentido oposto: o inspetor escolar Barsi, a coberto da noite e sem assumir os atos, tenta matar o cão a tiro e, perante o falhanço, acaba por envenená-lo; a pequena Rorò, filha da jovem viúva de um intendente das finanças, obtém finalmente da mãe autorização para levar ao cão comida e carinho em momentos de ausência de Naca. Porém, numa das suas visitas, encontra o animal morto e é surpreendida pelo seu proprietário, que dispara mortalmente sobre ela, pensando tratar-se do envenenador.

Deixando de lado outros aspetos do conto, é fácil perceber que não é propriamente a questão dos maus-tratos a um animal que está em causa: o conceito existe, mas não é comum a todo o pequeno universo representado no texto. Rorò e a sua mãe conhecem-no e esgrimem-no para protestar contra os disparos (“– Bella prodezza! Contro la povera bestia incatenata!”¹⁴ (Pirandello, 2020, p. 801); alguns dos habitantes das vivendas acompanham essa tomada de posição, mas os restantes põem em primeiro lugar o seu direito ao repouso noturno; Naca, descontento o cinismo, responde de forma razoável às acusações quanto à forma como tratava o animal: “non era vero ch’egli non gli desse da mangiare; gliene dava quanto poteva; di levarlo di catena non era neanche da parlarne, perché, sciolto, il cane se ne sarebbe tornato a casa, e lui lì aveva da guardarsi quei suoi beneficii che gli costavano sudori di sangue”¹⁵ (Pirandello, 2020, p. 801); por último, as autoridades e o senso comum reconhecem

13 “ele não podia ensinar o cão a ladrar de maneira mais graciosa aos ouvidos daqueles cavalheiros”.

14 “– Bela proeza! Contra o pobre animal acorrentado!”

15 “não era verdade que ele não lhe desse de comer; dava-lhe o que podia; de soltá-lo da corrente nem valia a pena falar, porque, solto, o cão voltaria para casa e ele tinha que proteger os seus bens que lhe custavam suores de sangue.”

que o animal é propriedade do seu dono, abstendo-se assim de intervir (“Ammazzare il cane a un contadino siciliano?”¹⁶ (Pirandello, 2020, p. 802)).

A questão é, portanto, outra, como, aliás, se anunciava desde o título: em sentido literal, a vingança não é do cão, mas antes daquele que usa o animal como instrumento, como bode de vingança; apesar disso, se o lermos em sentido figurado, é de facto o animal que obtém, com a sua morte, uma espécie de vingança – contra o seu dono, mas também contra quase todos os outros, incluindo a jovem viúva mãe de Rorò. Com efeito, Naca é, desde cedo, comparado a um cão e o desenvolvimento do conto confirma a sua animalização progressiva: “Lo avevano allora paragonato a un cane balordo che, dopo essersi lasciato strappar di bocca un bel cosciotto di montone, ora rabbiosamente si rompesse i denti su l’osso abbandonato da chi s’era goduta la polpa.”¹⁷ (Pirandello, 2020, p. 800). Relativamente ao proprietário das vivendas e aos seus inquilinos, a condenação maior recai sobre Barsi, que desmente por completo o perfil do que deveria ser um inspetor escolar: com a sua cobardia, nega os valores educativos que devia representar e acaba por replicar o comportamento de Naca, uma vez que o envenenamento do cão constitui também uma forma de se vingar do desprezo que a mãe de Rorò lhe dedica; os restantes, pela sua inação, pela sua incapacidade de dialogar com o pequeno agricultor, pela sua atitude passiva perante o sofrimento do animal, acabam também por desmerecer do seu estatuto de humanos, inclusive a mãe da pequena mártir, que só muito tarde permite à filha que visite o cão e deixa que ela vá sozinha, expondo assim a filha a um risco que acabaria por se revelar fatal. O ambiente de tragédia, perceptível desde o início, como foi assinalado por Patrizia Landi (2018), acaba por desembocar numa espécie de punição coletiva que não poupa ninguém, numa demonstração de que tão importante como o respeito pelo animal é o dever de humanidade, sem a qual o ser humano se transforma num animal (não humano), qualquer que seja a sua condição social ou o seu género.

16 “Matar o cão a um camponês siciliano?”

17 “Tinham-no então comparado a um cão palerma que, depois de ter deixado que lhe arrancassem da boca um belo pernil de carneiro, quebrasse agora com raiva os dentes no osso abandonado por alguém que tinha desfrutado da carne.”

Passando agora ao conto de Gastão Cruls (1938), as semelhanças resultam bastante claras. Também aqui um (animal) humano sacrifica um animal (não humano) como forma de vingança e de apaziguamento de um desespero causado pela aproximação da morte. O protagonista, João, funcionário dos correios e cantor de rádio nos tempos livres, desespera com a tuberculose que o consome e desenvolve um misto de ciúme e de inveja face às pessoas que o rodeiam, incluindo a jovem esposa, e acaba por canalizar esses sentimentos para a patativa que o acompanhava há doze anos, matando-a de fome e de sede.

Tal como no conto de Pirandello, também aqui há uma marca de classe: o protagonista tivera uma infância pobre, num bairro periférico do Rio de Janeiro, S. Cristóvão; a esposa é balconista numa loja do centro; a mãe, que agora vive com ele, sobrevivia de um “montepio da Guerra” (Cruls, 1938, p. 132) e de arranjos de costura. Apesar disso, a vingança não é tanto contra alguém: é sobretudo uma espécie de grito – mudo – de desespero, por parte de quem se sente só e abandonado e necessita de um companheiro de sofrimento.

Neste caso, o narrador em terceira pessoa dá-nos acesso à evolução dos pensamentos que animam o protagonista: desde a irritação inicial perante o canto pré-matutino do pássaro (“«Diabo de passarinho! Cantar assim por horas mortas da noite!» Qual! Elle é que não cantaria mais” (Cruls, 1938, p. 126), ao começo da animosidade (“Talvez pela primeira vez na sua vida, João olhou com certo rancor para a patativa” (Cruls, 1938, p. 130)), ao desprezo (“E que razões tinha aquele idiota para cantar assim, uma vez que havia tantos annos vivia trancafiado numa gaiola e privado de tudo?” (Cruls, 1938, p. 131)) até ao rancor e ao assomo da ideia de vingança (“O doente fixou-a outra vez com rancor. Dir-se-ia que aquella peste até se regosijava do seu infortunio, da desgraça de João Patativa, ali doente, pregado naquella cadeira. E uma idéa terrível passou-lhe pelo cerebro.” (Cruls, 1938, p. 134)). A concretização da ideia (“[...] esvasiou o potinho d’agua e a caixeta de cereaes que mitigavam a sêde e a fome do passarinho. [...] Agora, sim, é que ella

ia ver o que era bom e se tinha mesmo tantos motivos para viver naquella folia constante.” (Cruls, 1938, p. 138)) mostra, porém, que este não é um caminho feito em linha reta, uma vez que o protagonista quase chega a arrepender-se: “[...] parece que a consciencia lhe doeu ao praticar acto de tamanha crueldade e de mãos tremulas e coração aos saltos, o doente veio apressadamente estirar-se outra vez na cadeira de vime.” (Cruls, 1938, p. 138); “João esteve para compadecer-se da pobrezinha, sua companheira de tantos annos.” (Cruls, 1938, p. 146). Mas o desejo de vingança contra o que sente ser a indiferença do mundo leva-o a continuar, numa atitude que o narrador interpreta assim: “João nunca fôra mau. Mas aquella idéa de morrer, de abandonar o mundo ainda assim tão moço, dava-lhe um desespero surdo, uma revolta profunda. E sentia ancias de exterminio, de vêr tudo se acabar com elle.” (Cruls, 1938, p. 145). Prevalece, pois, a morte, que parece ser simultânea: decidido, por fim, a salvar a patativa, o protagonista cai, sufocado pela tosse e pelo sangue, sobre a gaiola.

João Gomes Almeida, conhecido no mundo da rádio e da boémia como João Patativa, fez do seu pássaro de estimação – uma “das poucas cousas que fizera questão de levar de casa [dos pais]” (Cruls, 1938, p. 131) – uma espécie de duplo: a morte que lhe inflige é a morte por que ele próprio passa, equivalendo, portanto, a um suicídio. Também aqui não há lugar a que se fale propriamente de maus tratos a um animal: há crueldade, exercida de forma consciente e, ao contrário do conto de Pirandello (2020), com hesitação; mas essa crueldade é mais virada contra o próprio que contra o outro, a patativa. Nem Jaco Naca nem João correspondem ao perfil do abusador de animais, elaborado por psicólogos, criminalistas e outros estudiosos do comportamento humano: os seus crimes – que o não eram à época – são atos de oportunidade e são reativos, são manifestações de desespero, que dificilmente ocorreriam noutras circunstâncias. São, no fundo, a prova da distância que separa os animais humanos dos animais não humanos: a dificuldade de aceitar a derrota e a morte distingue-nos dos outros animais também pelo

sentimento de vingança que pode gerar, levando-nos, deste modo, a atos difíceis de compreender e que podem passar por mera crueldade. Há, sem dúvida, questões culturais e de classe envolvidas; há, sem dúvida, uma questão de tempo histórico; mas não são esses os únicos fatores que impedem que se fale do tema do bem-estar animal como questão central das duas narrativas: acima de tudo, está em causa a dificuldade do ser humano de lidar com a frustração e com a solidão, seja ela efetiva ou imaginária. De facto, Jaco Naca parece estar sozinho contra o mundo dos “signori” que ele acha que o aldrabou, ao passo que João Patativa, embora rodeado de gente que o estima, se sente esquecido de um mundo que permanecerá igual depois da sua morte.

De formas diferentes, a partir da Sicília rural de finais de oitocentos ou do Rio de Janeiro suburbano do final do primeiro quartel do século passado, cada um dos contos nos confronta com o mistério do ser humano, sozinho e em relação com o animal doméstico ainda coisa. Mostra-nos também que a fronteira entre o bem e o mal, a razão e a loucura, é instável e difícil de perceber e que nem todos os que maltratam animais são sádicos e psicopatas como o Garcia de Machado de Assis.

Referências

ASSIS, Machado de. A causa secreta. *In: ASSIS, Machado de. 50 contos de Machado de Assis.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 368-376.

CRULS, Gastão. A patativa. *In: CRULS, Gastão. História puxa história (contos).* Rio de Janeiro: Ariel, 1938. p. 121-148.

FONTELA, Ana Rita Teixeira. *A inconstitucionalidade das incriminações da morte, maus tratos e abandono de animais de companhia: a ausência de bem jurídico-penal legitimador das normas incriminatórias.* 2022. Dissertação. (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2022.

LANDI, Patrizia. Il rovesciamento dell'etica classica. *La vendetta del cane* di Luigi Pirandello. In: NIGRO, Salvatore Silvano; PROIETTI, Paolo (org.). *Paessaggi culturali: scritti in onore di Giovanni Puglisi*. Palermo: Sellerio, 2018. p. 473-484.

MAGALHÃES, Pedro Miguel Craveiro de. *Pensar o animal em Machado de Assis, Clarice Lispector e Guimarães Rosa*. 2022. Tese. (Doutorado em Hispanic Languages and Literatures) – Department of Spanish and Portuguese, University of California, Santa Barbara, 2022.

PIRANDELLO, Luigi. La vendetta del cane. In: PIRANDELLO, Luigi. *Novelle per un anno*. A cura di Sergio Campailla. 2. ed. Roma: Newton Compton editori, 2020. p.799-804.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.